

# UM POETA DESCONHECIDO

BRAULIO ALVES FILHO

**O**S OLHOS da poesia e literatura brasileiras, andam embevecidos com os grandes centros, só conhecendo o que a eles afluem ou neles vivem. Torna-se óbvio portanto, procurar volvé-los a paragens longínquas, encaminhá-los para o sertão brasileiro que também é Brasil.

Lá vive o ignoto trovador. Sentindo a doçura de viver mais em contacto com a natureza e usufruindo o prazer das coisas simples e quotidianas, eis que, a circunstância faz nascer o poeta que dotado naturalmente de um espírito mais elevado, tendo mais facilidade no manusear a pena que manipular com o seu laboratório farmacêutico, escreve os seus versos exteriorizando sentimentos recônditos de sua alma.

Dotado de uma estoicidade sem par, pensa: — "Mas... quem é neste mundo capaz de quebrar os grilhões do destino ou da fatalidade, que nos prende a desventura?" Taciturno, conformado com os reveses da vida, se deixa embair pelos seus próprios pensamentos e aspirações, renegando a tudo e a todos, para cumprir rigorosamente com o sagrado dever de família que exige a sua assistência constante por ser seu único arrimo. A sua probidade priva-lhe do prazer de viver nos grandes meios e por tão meritória razão é esquecido ou nunca lembrado.

Necessário se torna portanto, que a poesia brasileira procure incluir entre os nomes dos seus inúmeros associados, mais um:

o farmacêutico Eulalio de Miranda Motta.

Nos sertões da Bahia, berço de grandes homens do Brasil, no município de Mundo Novo, lá vive ele procurando traduzir a mágoa do caboclo através dos seus poemas e as suas também, não podendo luzir diretamente no cenário da poesia brasileira a não ser através de quem o faça lembrado — enquanto vivo — pois, em nosso país infelizmente só se considera ou immortaliza-se uma obra, quando o autor deixou de existir.

Ele não teve a felicidade de ser gerado num meio onde a publicidade e divulgação o cercassem imediatamente. Bem sabemos que a ventura integral não existe na terra nem no céu e Deus bem sabe porque não a criou. Pela mesma razão não criou a rosa sem o lagarto ou a luminosidade sem a penumbra. Bem sabia Ele que, a felicidade completa arrastaria o espírito à beatitude, à inércia e no entanto a dor o estimula e fá-lo conceber aspirações excelsas.

A mim foi outorgado indiretamente o direito de desbastar a senda que conduz o homem de letras às próprias letras.

O farmacêutico, o exímio orador e o poeta, conservar-se-iam esquecidos por certo, desde quando onde ele reside a inanidade do réprobo que intitula-se "suauidade" só e exclusivamente por ter estudado na Universidade de Oxford, Cambridge, Coimbra, por ter

(conclui na pag. 4<sup>a</sup>)

## Vida Literária

## UM POETA DESCONHECIDO

(Continuação da 3.ª pag.)

papai ou padrinhos ricos, não admitiria que, a Justiça — que não tem olhos — fosse a dividir numa partícula ínfima do universo, um grânulo reluzante.

Por estas e outras razões, nota-se com imenso pesar o fantástico decréscimo na estatística que diz respeito aos homens de letras e da poesia no Brasil.

O século de Castro Alves, Olavo Bilac, Guerra Junqueiro, Paul Barbosa e dezenas de outros, já passou e talvez, encontremos quem os substitua na continuação de suas obras sem que nos submetamos a admitir o pensamento de Sócrates sobre a morte: — "Que é a morte afinal, senão um agradável sono depois de um longo e árduo dia? Se existe outra vida afinal, quem não se alegraria de poder ir conversar com os espíritos dos grandes homens do passado?..."

O homem de letras hoje é esquecido e quase espezinhado. Vive-se mais de frivolidades no presente. As ciências, as artes e as letras estão situadas em segundo plano.

Mesmo assim, ainda existem alguns "Aerólitos" que ora se desprendem ou tendem desprender-se da atmosfera ignorando-se onde cairão ou se aferrarão.

Consideremos o sr. Eulalio Moita como se fóra um meteorito que desprendido do "cosmos", caiu naquelas paragens distantes e ao sentir e analisar onde se encontrava, tentou soerguer-se, desalgemar-se, desvencilhar-se dos grilhões que o prendem àquela terra, que não devia ser a sua, tenta sulcar os ares e conhecer um mundo melhor onde possa dar expansão ao "gênio", ou mesmo, como Meteoro expor a variedade de metais que se encerram em seu todo.

## VOLTA, ILUSÃO!

Ilusão! Ilusão, Porque fugiste  
Tão cedo, me deixando aqui [sôzinho?]  
Minha vida, Ilusão, é muito [triste!]  
Não a deixes ficar sem teu [carinho!]

Volta, Ilusão! Aqui, neste can- [tinho,  
Tão distante do mundo, em que [ma vista,  
Minha choupana, as flores, o [caminho,  
Tudo, Ilusão, chorou quando [partiste!]

Volta, trazendo os sóes que me [levaste!  
Da minha vida traze luz à [umbrela  
Que vive escura, desde que a [deixaste!]

E assim, contrito, como em [prece um monge,  
Suplico! — Volta! Mas, debil- [de... que ela  
Me vai ficando cada vez mais [longe...]

Tenta abraçar a realidade,  
sentindo que a ventura não se  
alimenta desde que nada mais  
haja a desejar, saclar, ou em-  
prender.

## B O U

Sou carbono. Sou hidrogênio.  
Sou fósforo, azoto, oxigênio.  
Sou sódio. Sou potássio. Sou [soma.  
Vivi disperso nos inanimados,  
Vivi nos vivos.  
Fui pedra e fui planta,  
Fui asa e fui lama.

Fui lábios que beijaram com [amor.  
Fui pó que pisaram nos ca- [minhos.

Interrompeu-se em mim, a dis- [persão.  
Sou soma. Sou síntese. Sou [EU.

Mas voltarei ao pó que pisaram [nos caminhos.  
De novo serei asa.  
De novo serei lama.

Nasci no dia do Fiat.  
Antes do Fiat vivi no Pensa- [mento.  
Quando um dia voltar a dis- [persão,  
quando chegar o fim,  
encontrarei o Princípio.  
E viverei no Princípio.

Desilude-se mais... Percebo  
ser a felicidade uma planta ex-  
cessivamente melindrosa, re-  
querendo cuidados extremos,  
necessantes, para que não de-  
fina, ressequa e pereça, como  
se fóra o vegetal que, para se  
tornar virente, vigoroso, para lau-  
rar-se de flores, precisa ser  
regado todas as noites, regado  
todas as manhãs, receber a luz  
solar e respirar a aragem fa-  
gueira.

O desbaratamento de suas  
concepções e extremo e essa  
dissipação o torna còbrio ao ex-  
ternar o seu sentimento, do  
mais uma desilusão, de mais  
uma farsa do destino.

U L T I M O S O N H O  
Mais uma cruz ao lado do ca- [minho,  
De mais uma ilusão que sepul- [tizei!  
Adeus, fonte de sonhos! Adeus, [minho  
De esperanças que tanto ac- [tentei!

Adeus! Agora hei de seguir so- [zinho,  
Como seguiu quando te encon- [tizei...  
Não tentarei achar outro ca- [minho,  
Outro afeto, outro amor, não [tentarei...]

Basta do fantasma e de quimeras,  
Já se me foi o sol da prima- [vera...  
O outono alonga a sombra da [meu vulto...]

Basta de tanto sonho e desen- [canto!  
Que a vida me tem sido um [campo santo,  
De ilusões que acalentei e que [sepultei!

Porém, sente que a dor é im-  
prescindível à natureza huma-  
na, porque espiritualiza e su-  
blima os seus. Pensa numa  
criatura feliz, extremamente  
feliz, que nada mais aspira ob-  
ter e deduz logicamente que a  
inércia é corrosiva, como a oxida-  
ção que destrói o próprio aço.  
Completa o seu aniversário e  
procura fazer o seu exame de  
consciência sondando o passa-  
do, esse limitadíssimo oceano que se  
contém em nossa alma e, em  
termeço escreve:

## A N I V E R S Á R I O

Mais um ano de idade com- [plet!  
Olho, com mágoa, a estrada [percorrida!  
Bem que não fia e Mal que [pratiquei...  
Tantos anos de vida mal vi- [vida!

E preciso parar esta descida!  
E, esquecido dos males que [causei,  
Reformar-me e viver, de frente [erguida,  
A alegria dos bens que ainda [farei!

Novos rumos agora hei de se- [guir!  
Que se me torne a lama do [passado,  
Adubo para as flores do por- [vir...]

E esta data eu consiga, no fu- [turo,  
Festejar, sem remorsos de pe- [cado,  
Com a alma mais leve e o co- [ração mais puro!

Eis aí, alguns, das dezenas  
de poemas desse eminente poe-  
ta, que, quase vive desconhe-  
cido, imerso no obscurantismo,  
esquecido por seus irmãos de  
armas que não lhe devem ne-  
gar apoio e com a máxima so-  
licitude lhe prestarem tributo,  
incentivando-o a enriquecer  
mais e mais o seu recondido po-  
ético, em benefício das letras e  
para maior engrandecimento do  
Brasil.